



OLHÃO

DO ALTO DAS AÇOTEIAS

Ficar nesta cidade algarvia, em vez de lá passar só de fugida para apanhar o ferry, ir a um restaurante ou fazer compras no mercado, talvez seja das melhores opções a sul. Conheçam-se as novidades, das boas

— POR LUÍSA OLIVEIRA TEXTO MARCOS BORGIA FOTOS

Ó vila de Olhão
Da Restauração
Madrinha do povo
Madrasta é que não

José Afonso

Já vai longe o tempo que inspirou Zeca para esta música, composta em 1968, sobre a dureza da sua terra adotiva. Hoje, o espaço mantém-se, embora haja uma Olhão a duas velocidades – e, se calhar, até a três. E isso nota-se bem num passeio pelas ruas empedradas do centro da cidade, para lá dos mercados, dos restaurantes e dos barcos que nos transportam até ao mar.

De manhã, junto ao irresistível mercado – são dois,

na verdade, um de peixe, outro de frescos –, o ritmo é acelerado e intercultural. Cruzamo-nos com muita gente, local e nem por isso, que anda às compras ou a tomar o pequeno-almoço numa das esplanadas que circundam estes peculiares edifícios de 1916 (renovados já no século XXI).

Tudo isto se passa lado a lado com a ria – estamos em pleno parque natural – e pensamos logo em apanhar um dos ferries que nos levam até às ilhas-barreira das redondezas, Armona, Farol ou Culatra, que tanto apreciamos para um dia de praia. Mas está muito vento e, além disso, temos o dever de desbravar para lá do

óbvio cartão-postal. Quase toda a gente já aqui esteve, para um petisco ou outro, ou a caminho destes imensos areais, mas muitos menos se terão aventurado cidade adentro, pasmando-se com o que por lá se encontra.

AÇOTEIAS COM VISTA

Deixemos então a beleza natural. Encontremos as surpresas arquitetónicas e culturais, aproveitando este outro ritmo, que abranda. Algumas lojas estão até abandonadas, outras fechadas, menos as que vendem souvenirs de gosto duvidoso – prefira-se o oásis Pinta Roxa, com objetos de decoração e artesanato relacionados com a História

e o património algarvio pela mão de artistas locais.

Passemos em visita por alguns pontos turísticos, como a Igreja Matriz, o Museu Municipal, instalado no Compromisso Marítimo, ou a Casa Dr. Bernardino Silva, um edifício do século XIX que, desde 2015, serve de morada à associação cultural República 14. Aqui, organizam-se exposições, concertos e outras atividades sociais. No terraço, nas traseiras, há sessões de cinema e um mercado semanal de produtos locais. O bar serve petiscos.

Pelo caminho, há muitos chalés a cair de podres, uma pena. Antes pertenceram a industriais conserveiros e armadores que fizeram fortuna na primeira metade do século XX, na altura da abundância das pescas. Com a diminuição desta atividade, houve que largar estes edifícios opulentos e falta quem queira voltar a pô-los de pé.

Mesmo na sua decadência, conseguimos adivinhar-lhes o charme de outras épocas. Até porque também se veem vários exemplares, ainda mais antigos, bem recuperados,



para que possamos perceber a razão pela qual Olhão ganhou o epíteto de cidade cubista. Trata-se da única localidade europeia com características mouriscas construídas de raiz e muito depois da permanência islâmica no território. Data de 1715 a primeira habitação construída em alvenaria.

Da açoteia da Casa Amor, onde antes se secavam os polvos e agora existe uma pequena piscina de água salgada, esse recortado árabe é muito evidente: um mar branco, sem telhados, pintalgado de chaminés de balão, mirantes e contramirantes. Podemos dizer, sem mentir, que o cenário em tudo se assemelha a uma terra do Norte de África.

Ainda cheira a novo este recente boutique hotel de apenas dez quartos, nas mãos de um casal de franceses, Jack e Walter, que, com indiscutível bom gosto, recuperaram o edifício do século XIX. Depois de deixarem as suas vidas em Paris, empenharam-se em transformar estes mil metros quadrados em algo especial, respeitando a originalidade do edifício que há quatro décadas fora uma pensão, das paredes caiadas às abóbadas e às pedras ocre.

Além de podermos ficar a dormir nesta casa típica olhanense, as suas portas também estão abertas à comunidade, que os franceses consideram



✓ Experimentar

O novo boutique hotel Casa Amor, com vista para os telhados cubistas de Olhão. Na zona mais moderna da cidade algarvia, abrirá em breve um Noélia II, ainda que vá ser diferente do que hoje existe em Cabanas de Tavira

ser ainda genuína. Há a pastelaria, onde se encontram as criações deliciosas de Walter (também podem provar-se ao pequeno-almoço), assim como uma boa seleção de produtos locais, de pequenos produtores. E também o restaurante, que se abrirá de vez em quando, sempre que tiverem residências de chefes.

Enquanto isso não acontece, ninguém fica sem comer. Se há coisa pela qual Olhão é conhecida é pelos seus restaurantes de peixe e marisco (de 10 a 14 de agosto, a cidade recebe o Festival do Marisco).

Este ano, junta-se a esta equação o Marina by Noélia, na zona mais recente da cidade, onde atracam os barcos de recreio, com menos sainete do que o centro histórico. A conceituada chefe

— DORMIR

Casa Amor > R. Dr. Pádua, 24 > T. 91 066 9436
> a partir de €127

— COMER

Marina com Noélia > Real Marina Hotel & Spa > Av. 5 de Outubro > abertura prevista para 22 de julho
Chá Chá Chá > Tv. do Gaibéu, 19 > T. 289 148 262

— COMPRAR

Mercado de Olhão > Av. 5 de Outubro > seg-sáb 07h-14h

Pinta Roxa > Av. 5 de Outubro, 28
> T. 91 638 0557

— FAZER

República 14 – Associação Cultural > Casa Dr. Bernardino da Silva > Av. da República, 14
> T. 91 051 3614

Museu Municipal de Olhão > Pç. da Restauração > T. 289 700 103 > seg-sex 9h30-12h30, 13h30-17h
Passeios Ria Formosa > T. 96 215 6922 > reservas@passeios-ria-formosa.com

algarvia, que no verão tem filas de espera intermináveis no seu estaminé em Cabanas de Tavira, vai abrir, a 22 de julho, esta nova sucursal com 90 lugares, a maioria ao ar livre. “Vou fazer coisas muito giras, porque tenho mais possibilidades. A ementa mudará todos os dias, mas estará muito baseada na ria e no mar. É o que sei fazer”, conta Noélia Jerónimo, que por estes dias anda a braços com a difícil tarefa de criar uma equipa para este novo projeto que fica no andar térreo do Real Marina Hotel & Spa. Por enquanto, adianta que os dois restaurantes não serão iguais. Mas cruzamos os dedos para que, em ambos, o arroz de limão, o seu *ex libris*, nunca nos falte no verão. **||** loliveira@visao.pt